



# MONÇÕES

Revista de Relações Internacionais da UFGD

ISSN 2316-8323

## AMÉRICA LATINA: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS

**THELLA FERNANDES MASO**  
**HENRIQUE SARTORI DE ALMEIDA PRADO**

Mestre em Relações Internacionais pela UNB  
Professora do Curso de Relações Internacionais da UFGD  
E-mail: tchellamaso@ufgd.edu.br

Doutorando em Ciência Política pelo IESP/UERJ  
Professor do Curso de Relações Internacionais da UFGD  
E-mail: henriquesartori@ufgd.edu.br

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.*

*Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.  
Carlos Drummond de Andrade*

A conjuntura internacional do último decênio parece confirmar que vivemos em tempos interessantes. Multiplicam-se as iniciativas e a diversidade das mesmas não é explicada de forma satisfatória pelas perspectivas tradicionais, em geral autocentradas. Não é tão simples “separar o joio do trigo”, defender verdades absolutas ou propostas monolíticas. O conflito, a barbárie, o racismo e a opressão reificam-se. As palavras de ordem, integração, cooperação e novas estratégias diante da crise – que não é mais sazonal, mas condição de



## DOSSIÊ AMÉRICA LATINA: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS

existência dos atores internacionais – tangenciam períodos de “agitação, guerra e luta pelo poder, em que milhões de espectadores inocentes sofrem as consequências”<sup>1</sup>.

O desafio do leitor que percorrerá as páginas desse dossiê é semelhante ao daqueles que se lançam em um labirinto. São muitos os caminhos e nem sempre as saídas estão claramente sinalizadas. Quem somos? O que somos? A que constelação pertencemos? Tais indagações emergem associadas ao estado meditativo sobre os lugares que essas identidades ocupam, o contexto por elas dimensionado e as percepções que constroem acerca do porvir. Não nos restam dúvidas sobre a legitimidade sedimentada nas unidades nacionais. Mas admitimos também traços de simbiose que permitem nos apresentarmos como América Latina?

Muitas são as faces de tal enigma, que se apresenta de forma ainda mais enfática no campo do saber ocupado pelas Relações Internacionais e pelos discursos produzidos nos centros de construção do conhecimento no Brasil. Se a percepção da academia brasileira acerca da América Latina não possui um século, sua publicidade é ainda mais recente. Está em marcha um movimento de afirmação do continente como lócus de investigação, e de forma particular, e não consensual, de hipóstase da América Latina como representação de um projeto coletivo forjado pela consciência da colonialidade e sua ruptura<sup>2</sup>.

Roitman Rosenmann provoca, ao mencionar que a maldição da América Latina é ter chegado tarde à história<sup>3</sup>. Mas “que é a velhice? Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança”. Cabe-nos questionar a busca irrestrita por padrões de esclarecimento gestados por intelectuais forâneos, em detrimento de um pensamento autônomo e de matriz regional, como aponta o autor. Nesse sentido, parece-nos oportuna a proposta dos organizadores do dossiê em refletir sobre nossas circunstâncias latino-americanas e as alternativas possíveis.

As análises sobre política internacional no Brasil centram-se em uma perspectiva regional sul-americana, com reduzida ênfase para a ideia de América Latina. Portanto, a proposta desse dossiê é, acima de tudo, um convite para pensar o continente como objeto de estudo, como campo do conhecimento e/ou como espaço de onde emergem distintas

---

<sup>1</sup> Cf. ZIZEK, Slavoj. Primeiro como tragédia, depois como farsa. São Paulo: Boitempo, 2011, p.07.

<sup>2</sup> Cf. MARTINS, Paulo Henrique. Decolonialidad de america latina y la heterotopia de una comunidad de destino solidaria. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 2012.

<sup>3</sup> Cf. ROITMAN ROSENMAN, Marcos. Pensar América Latina. El desarrollo de la sociología latinoamericana. Buenos Aires : CLACSO, 2008, p. 31.



## **THELLA FERNANDES MASO e HENRIQUE SARTORI DE ALMEIDA PRADO**

perspectivas. Há que se destacar que a denominação América Latina não diz respeito apenas a uma unidade geográfica, mas seu apelo significativo está em conjugar um projeto político, fundado em traços históricos, culturais e econômicos de comunhão. Dois eixos dinamizam tal projeto: a busca por desenvolvimento e autonomia.

O exercício do descentramento se faz necessário. Romper disjuntivas modernas, ainda que em um plano aparentemente etéreo, sinalizam que as saídas do labirinto não fazem parte do roteiro que os latino-americanos foram convidados a encenar, ainda que tardiamente. Cortázar, em uma das suas viagens ao velho mundo, menciona: “vista daqui, aos poucos, a América [latina] vai sendo uma constelação”<sup>4</sup>. Tal declaração, ainda que proferida em 1957, ilustra as idas e vindas de tempos interessantes: percebida de fora como uma totalidade, a América Latina internamente é enaltecida por suas fraturas. Reconectar conexões esfaceladas, tendo como medida de validação a prática da alteridade, tende a desabrochar em um novo horizonte de possibilidades. Pois, “una” e “diversa” são caracterizações espaço-temporais que não se apresentam como polaridades, mas correntes fluidas nas quais nós, latino-americanos, estamos imersos.

Muitas são as narrativas sobre as relações internacionais contemporâneas e algumas destas parecem autorizar um olhar polivalente sobre as identidades que se apresentam no entrementes. Uma rápida atenção lançada para as páginas dos discursos oficiais dos representantes políticos regionais e já podemos observar que se ampliam as trajetórias de inserção e atuação. As apostas são múltiplas e versam entre um regionalismo ampliado, que se verifica na União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) ou na Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), e novas modalidades de arranjo como a que se realiza entre certos países da região, como por exemplo, a Aliança do Pacífico.

Mas não são apenas os Estados Nacionais que se movimentam de forma mais complexa no contexto internacional e reconstituem – e, por vezes, destituem – identidades compartilhadas. As redes de movimentos sociais são evidentes e promovem novos espaços de solidariedade e sociabilidade. Nestes, a América Latina verifica-se como projeto político, no qual o plural, o multisocietal e o intercultural apresentam-se como caminhos possíveis, como alternativas reais de uma identidade forjada na diversidade.

---

<sup>4</sup> *In*: CANCLINI, N. Latino-Americanos à procura de um lugar neste século. São Paulo: Iluminuras, 2008, p.30.



## DOSSIÊ AMÉRICA LATINA: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS

Um continente em busca de seu lugar nesse século, como afirmou Canclini<sup>5</sup>, em um contexto no qual a nacionalidade ou a estatalidade, sozinhas, não preenchem a noção de pertencimento e a representação de alteridade. Para tanto, o terceiro número da revista *Monções* é composto por artigos, entrevista, resenha, entre outros trabalhos que tem por objetivo situar a América Latina como local de enunciação das/nas Relações Internacionais. Novas temáticas, antigas visões; outros olhares, clássicas agendas: eis o labirinto no qual somos lançados.

A presente edição é formada por nove artigos em seu dossiê, passando pela temática de segurança oferecida por Sérgio Luiz Cruz Aguilar (UNESP/Marília) com o texto “Segurança na América Latina: cenários e perspectivas”. Em seguida, Jaime Preciado e Pablo Uc, investigadores mexicanos (Universidad de Guadalajara), apresentam a proposição “América Latina frente a la rivalidad inter-hegemónica sino-estadounidense: dilemas para la autonomía de una región emergente”.

O protagonismo indígena na América Latina é delineado em duas importantes contribuições para este dossiê: Enrique Amayo Zevallos (UNESP/Araraquara) aborda os “Impactos de la globalización: el principio de consulta previa y los pueblos indígenas amazónicos”, um texto inédito sobre os impactos da Convenção 169 da OIT; Victória Inés Darling (UNILA) questiona com propriedade a ideia de utopia, comparando as obras de Antonio Garcia de Leon e Alberto Flores Galindo, em seu artigo “Apuntes sobre la resistencia indígena como construcción histórica en Perú y México”.

Por sua vez, Ricardo Prestes Pazello (UFPR) e Felipe Heringer Roxo da Mota (UniBrasil/UFPR) dialogam sobre “Libertação e emancipação: uma revisão conceitual para a América Latina”, apresentando um texto que problematiza conceitos reiteradamente utilizados no contexto de superação da colonialidade no continente.

A temática da integração regional é representada por três contribuições de elevado nível. Nilson Araújo de Souza (UNILA) e Luisa Maria Nunes de Moura e Silva (UFMS) brindam-nos com o texto “Integração contemporânea da América Latina: teoria e prática”, resgatando as discussões cepalinas e da teoria da dependência como contribuições para repensar a integração latino-americana. Karen dos Santos Honório (Mestre-STD), em “O paradoxo do regionalismo à brasileira (2000-2010): notas para se pensar a ação do Brasil na integração da

---

<sup>5</sup> *Idem.*



## **THELLA FERNANDES MASO e HENRIQUE SARTORI DE ALMEIDA PRADO**

América do sul através da participação na IIRSA”, argumenta que a IIRSA é um exemplo da atuação paradoxal do Brasil na América do Sul. Em “Economia política da energia e encruzilhadas da integração na América Latina”, Fabrício Henricco Chagas Bastos (PROLAM-USP/NUPRI-USP), Nicholas David Harper (Carleton University - Canadá) e Alexandre Ratner Rochman (NUPRI-USP), apresentam, a partir da análise do Mercosul e da Comunidade Andina, como o domínio de produtos energéticos nas exportações dos países latino americanos pode afetar os arranjos regionais.

Finalizando a composição do dossiê, André Luiz Coelho Farias de Souza (IESP/UERJ-Unirio), em seu artigo intitulado “O papel da sociedade e das instituições na definição das crises políticas e quedas de presidentes na América Latina”, analisa de forma pontual as crises políticas e saídas antecipadas de presidentes na região, entre 1990 e 2012.

Para engrandecer ainda mais as contribuições do dossiê proposto, o Professor Javier Alberto Vadell (PUC-Minas) brinda-nos com uma entrevista sobre o cenário regional, além de traçar perspectivas políticas e diplomáticas, registrando por fim, seu momento como Coordenador do Fórum de Editores da ABRI.

Por fim, a revista apresenta uma tradução inédita para a língua portuguesa do texto “A Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder”, do consagrado teórico das Relações Internacionais, Alexander Wendt (Ohio State University).